NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 166 DEZEMBRO 1959

ASPECTOS DO PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO (I) — Eng.º José Magalhães 359

PANORAMA DO NEOREALISMO ITALIANO — Luís de Pina 368

INTRODUÇÃO AO JORNALISMO — António dos Reis 377

PANORAMA: O ENCONTRO DE RODES — A. J. Pinto Ribeiro 384

TRIBUNA DOS LEIGOS — Eng.º Manuel Belchior ... 386

NOVOS FILMES 16 M/M

UM DOCUMENTÁRIO DE QUALIDADE EXCEPCIONAL:

«A COROAÇÃO DE S. S. O PAPA JOÃO XXIII»

pedidos para a maior cinemateca do País

PATHÉ-BABY PORTUGAL LDA.



LISBOA — 2 — R. S. Nicolau, 22 — Tel. 20921 (PPC) 30961
PORTO — Rua de Santa Catarina, 315 — Tel. 24304
FILMES DE LONGA METRAGEM (Legendados em Português) já com complementos incluídos no programa

Assinatura anual	25$00
À cobrança	29$00
Número avulso	3$50
Para seminaristas de qualquer Seminário assinatura anual	20$00

NOVELLAE OLIVARUM

Director — JOÃO SEABRA DINIZ

Redactores — ANTÓNIO HENRIQUE — LUÍS MOITA — ANTÓNIO SERRÃO
Administradores — MANUEL ÁLVARO QUINTAS — VÍTOR GUALDINO
Proprietário e Editor — ANTÓNIO PINA COELHO

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

Com a aprovação da Autoridade Eclesiástica

Tipografia — União Gráfica — Lisboa

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª LIMITADA

Casa fundada em 1832

A casa mais antiga do País no seu género

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Lampadários, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado. CROMAR, PRATEAR, NIQUELAR, BRONZEAR.

166, RUA DO OURO, 170
17, RUA DE S. TIAGO, 19
LISBOA

Vendas a pronto e a prestações

O Café d'A Mariazinha é inconfundível em cor, aroma e paladar.
O nome d'A Mariazinha é segura garantia

Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
— Frente à Igreja —
Lisboa-5

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

FUNDADA EM 1756

«Cenáculo»

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo
VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

Telef. 5 **J. d'Oliveira Tavares, Filhos** B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES: 4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS

Aspectos do Problema da Emigração

Passou há pouco o Dia do Emigrante Português. Saber como essa data, que se vem comemorando nos últimos anos a instâncias da Igreja, foi vivida pelo nosso Portugal fora, não é minha intenção analisar aqui.

A nós interessa, acima de tudo, trazer um contributo, ainda que muito modesto, para esta campanha profundamente cristã a que a Santa Sé e o Episcopado nos chamam e que se há-de traduzir num sério esforço de compreensão e ajuda aos nossos irmãos emigrantes, colocados — quantas e quantas vezes! — em face de situações verdadeiramente difíceis e de complexos problemas pessoais.

Esta a razão de ser das presentes notas, que hão-de ter o seu complemento noutro pequeno artigo, a publicar num dos próximos números da Revista. Por agora focam-se apenas *alguns* aspectos Socio-demográficos do problema da emigração, para no artigo seguinte se encararem, com base nestes mesmos e noutros elementos, certas questões que ficam em suspenso, mòrmente no campo moral e religioso.

*
* *

É velha de milénios a existência de massas humanas deslocando-se duns pontos para outros, à superfície da terra, muitas vezes num fenómeno mais ou menos consciente de sobrevivência, outras, porém, em virtude de razões de ordem psicológica, moral e até religiosa, ou de graves motivos ditados pelo Bem Comum.

Acontecimentos de grande realce na História do Povo Eleito e na História da Salvação é, por exemplo, o «Êxodo» dos hebreus residentes em terras do Egipto, no Séc. XIII A. C.. E quem não tem presentes, já na nossa era, as invasões dos povos bárbaros e, mais perto ainda, nos séculos XV e XVI, a própria «aventura» dos descobrimentos?

Os exemplos poderiam multiplicar-se.

Em resumidíssimas palavras procuremos ver apenas como se desenvolveram as correntes migratórias nos tempos modernos.

Pondo agora de parte o problema particularmente grave dos refugiados, calculados, por estimativa em Janeiro de 1956, entre 30 a 40 milhões em todo o mundo, podemos agrupar assim, genèricamente, as grandes migrações inter-continentais (1):

a) *Da Europa para a América do Norte* (desde o princípio do Séc. XVII até

(1) «Bilan du Monde» (1958-59) — Tomo I, pág. 22 e ss.

1939 dá-se a emigração para a América do Norte de cerca de 45 milhões de europeus de várias origens).

b) *Da Europa para a América Central e do Sul* (desde o séc. XVI assiste-se à emigração de aproximadamente 20 milhões de europeus, na sua maioria espanhóis, portugueses e italianos);

c) *Da Europa para a África do Sul e Oceania* (17 milhões de emigrantes de origem anglo-saxónica e holandesa, principalmente);

d) *Da África para a América* (do séc. XVI até meados do séc. XIX emigraram cerca de 16 milhões de africanos);

e) *Da China e da Índia para diversas regiões do mundo* (sobretudo na Ásia e na África).

De 1946 para cá os emigrantes europeus tomaram principalmente os rumos que vão indicados, saindo em número decrescente de importância, das seguintes regiões:

Reino-Unido — para a Austrália, Nova-Zelândia e territórios britânicos de África;

Itália — América Latina (perto de 70%, sendo metade para a Argentina), Austrália, Canadá;

Espanha — América do Sul: Argentina, Venezuela, Uruguai, Brasil;

Portugal — América do Sul (especialmente o Brasil); Províncias Ultramarinas, sobretudo Angola e Moçambique;

Grécia e outros países.

No conjunto dos movimentos migratórios inter-continentais, só a emigração dos países da Europa Ocidental com destino à América do Norte e à América Latina representa 70% (2).

Mas além destes movimentos *inter-continentais* há ainda as migrações *intra-europeias, intra-africanas*, etc.

As primeiras — que bem mereciam uma referência mais detalhada, se não fossem as naturais limitações deste artigo — não tendo, como fenómeno social, o mesmo relevo das migrações inter-continentais, são duma importância fundamental para a economia europeia. As migrações intra-africanas, por sua vez, vêm tomando vulto desde há alguns decénios e põem aos católicos um sério problema missionário.

A maior ou menor projecção, no tempo e no espaço, de todos estes movimentos migratórios, tem causas muito diversas e bastante complexas. Na impossibilidade de as explanar, mesmo resumidamente, direi simplesmente que sobretudo os grandes acréscimos demográficos em certas regiões (3), as condições económicas e sociais e razões de ordem política (como a guerra, os êxodos por razões políticas ou religiosas, a propaganda a favor das migrações ou as medidas de restrição), são outros tantos factores explicativos da intensidade e características de tais movimentos.

---

(2) «International Catholic Migration Congress» (Assisi, 1957), pág. 66.

(3) Veja-se o que sucedeu entre 1880 e 1910: o movimento migratório mais importante dá-se precisamente no momento em que a taxa de crescimento na Europa é mais elevada.

*

Vem agora falar do caso português. E começa-se naturalmente por distinguir as chamadas *migrações internas*, das migrações para o exterior do País, comummente englobadas na designação geral de *Emigração*, cabendo aqui o movimento demográfico com o Estrangeiro, por um lado, e o que se dá com as nossas Províncias Ultramarinas, por outro.

As linhas gerais das migrações no interior do continente são conhecidas: *êxodo mais ou menos definitivo* de grandes contingentes (4) oriundos das zonas rurais e agrícolas para as zonas urbanas e industriais; *migrações cíclicas* e portanto *temporárias* para diversos trabalhos, especialmente certas fainas agrícolas que exigem grande concentração de braços, quase sempre em regiões onde eles escasseiam.

Quanto à *Emigração* pròpriamente dita — problema que agora particularmente nos interessa — deve novamente acentuar-se que Portugal é uma das nações da Europa para quem esta questão assume maior interesse, dado o grande volume de «material humano» e do melhor, que anualmente transpõe as suas fronteiras em busca de novas paragens e de novos e ambicionados meios de subsistência.

O facto não é de agora e para só deitarmos um olhar até ao princípio do século podemos dizer que se tem mantido um certo ritmo na nossa emigração, afectada apenas por alguns altos e baixos dignos de nota, correspondentes a circunstâncias determinantes particulares, tanto de ordem externa, como interna (5).

Assim, o número de saídas, oscilando entre 20.000 e 40.000 anualmente, de 1900 a 1910, sofre nos anos a seguir à República um brusco aumento, de que 1912 é expoente com 89.000 pessoas, aproximadamente.

Nos anos da Guerra de 14-18 verifica-se uma grande baixa, onde o ano de 1918 aparece com menos de 12.000 emigrantes, sendo o «saldo fisiológico» (6) desse mesmo ano, e pela primeira vez no século, fortemente negativo (— 70.000 indivíduos).

1920 apresenta de novo uma forte subida, que não atinge, porém, a cifra de 1912. De 1920 a 1930 o quantitativo de emigrantes oscila outra vez, «grosso modo», entre os 20.000 e os 40.000, para, a partir de 1930 e até 1949, nunca mais atingir os 20.000. Este período de cerca de 20 anos é uma verdadeira «maré baixa» na nossa corrente emigratória. Os números correspondentes aos anos da última guerra são baixíssimos. 1943 apresenta mesmo uma cota emigratória pràticamente nula.

---

(4) O Rev. P.e Manuel Falcão, num estudo recente afirmava que, de harmonia com os censos de 1940 e 1950 saíram durante este decénio, das 14 dioceses do Continente, para o Patriarcado de Lisboa, mais de 60% das 253.341 pessoas que migraram. Só 96.596 (menos de 40%) «transpuseram as fronteiras indo para o Ultramar ou Estrangeiro».

E acrescentava que a mobilidade era muito maior do que a indicada por estes números, dado que eles não falam dos movimentos dentro de cada diocese, que no Porto, por exemplo, são muito importantes, uma vez que esta diocese «acusa simultâneamente fortes correntes de emigração e imigração».

(5) Para melhor esclarecimento consulte-se o gráfico do «Boletim da Junta de Emigração» (1957), pág. 10-11.

(6) Como se sabe, entende-se por «*saldo fisiológico*» a diferença entre o valor da «taxa de natalidade» e o da «taxa de mortalidade», ou seja entre o número de nascimentos e o de mortes.

O *gráfico* 1 mostra-nos agora o modo como decorreu, no decénio de 1948-57, a emigração para o Estrangeiro e para o Ultramar dos naturais do Continente e compara os valores atingidos por esta emigração em cada ano com os «saldos fisiológicos» respectivos.

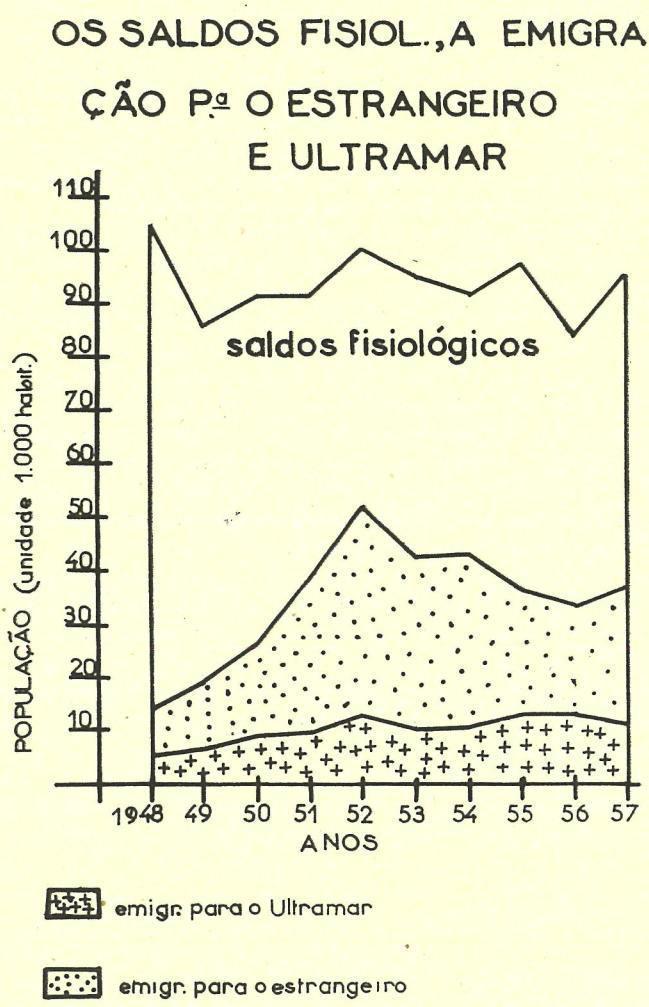


Gráfico 1 — Este gráfico compara os «saldos fisiológicos» do Continente com a emigração para o Estrangeiro e para o Ultramar ao longo do decénio 1948-57. Verifica-se que nem sempre aos aumentos ou diminuições nos saldos fisiológicos correspondem aumentos ou baixas nas cotas emigratórias. Por outro lado observa-se uma maior regularidade no movimento com o Ultramar do que no movimento com o Estrangeiro. O primeiro parece vir aumentando, ainda que lentamente, ao passo que a emigração para o Estrangeiro subiu até 1952, onde atingiu o ponto máximo com um «saldo» migratório de 37.920 almas, para começar a descer até 1956. Desde então parece estar a dar-se nova subida.

Não é difícil observar que uma boa parte dos nossos saldos fisiológicos, a partir de 1950 sobretudo, saem das fronteiras. Há distritos que perdem mais de metade dos seus saldos, como mostra o *Quadro I* para o ano de 1957 (7).

QUADRO I

1957

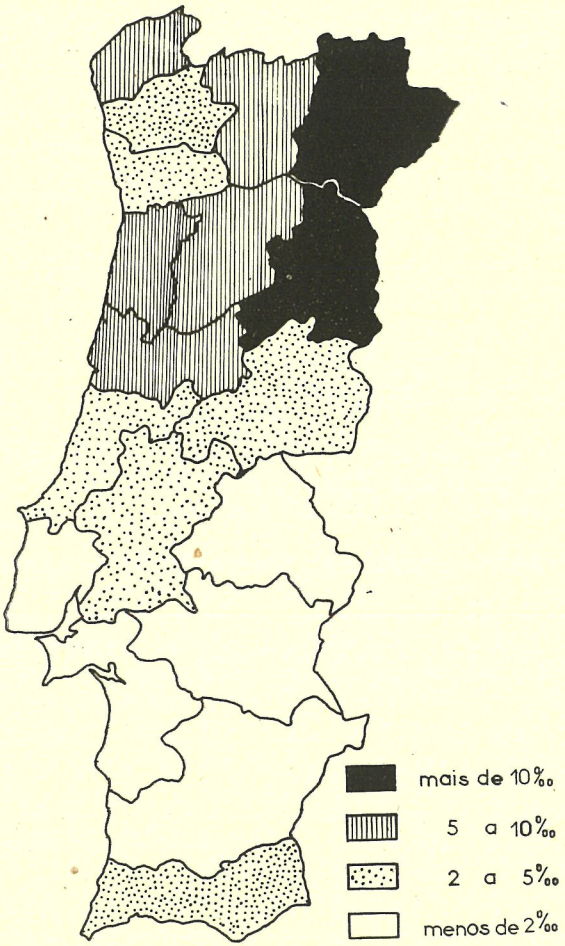
População. Saldos fisiológicos. Movimento emigratório para o Estrangeiro e para o Ultramar. Percentagem deste movimento sobre os saldos fisiológicos. Frequência emigratória (n.º de saídas por 1.000 habitantes)

NATURALIDADE	População avaliada para o fim de 1957	Saldos fisiológicos	Saldo do movim. emigratório para o Estrangeiro e Ultramar	Percentagem deste movimento sobre os saldos fisiológicos	Frequência emigratória
TOTAL GERAL	8.849.299	109.710	44.111	40,2	4,98
Continente	8.239.523	97.727	36.109	36,9	4,38
Ilhas Adjacentes	609.486	10.899	8.395	77,0	13,77
Ultramar, Estrang. e Ignorada	290	1.084	— 393	—	—
Aveiro	498.955	8.287	3.502	42,2	7,0
Beja	305.404	2.725	323	11,8	1,0
Braga	603.249	12.151	3.057	25,1	5,1
Bragança	230.924	3.448	2.985	86,5	12,9
Castelo Branco	338.758	3.254	1.216	37,3	3,6
Coimbra	440.492	3.704	1.948	52,5	4,4
Évora	231.257	1.756	184	10,4	0,7
Faro	331.634	2.030	1.224	60,2	3,7
Guarda	305.797	3.159	2.913	92,2	9,5
Leiria	410.984	4.930	1.879	38,1	4,4
Lisboa	1.256.465	8.382	1.768	21,1	1,4
Portalegre	206.803	1.459	149	10,2	0,7
Porto	1.136.619	18.791	4.442	23,6	3,9
Santarém	476.407	4.502	1.348	29,9	2,8
Setúbal	344.179	3.714	342	9,2	0,9
Viana do Castelo	286.393	3.717	2.415	64,9	8,4
Vila Real	335.662	5.300	2.492	47,0	7,4
Viseu	499.541	6.418	3.922	61,1	7,8

Este quadro exprime bem o escasso significado que assume a emigração em distritos como Beja, Évora, Portalegre, Setúbal e mesmo Lisboa, quer se considerem os valores absolutos do movimento emigratório, quer a percentagem destes valores sobre

(7) E que dizer de alguns concelhos que apresentam emigração igual ou superior aos saldos fisiológicos? Estão neste caso, para o ano de 1957, por exemplo, os seguintes concelhos do Continente: Murtosa e Oliveira do Bairro (Aveiro); Miranda do Corvo e Penela (Coimbra); Loulé (Faro); Fornos de Algodres (Guarda); Mação (Santarém); Melgaço e Monção (Viana); Carregal do Sal (Viseu).

FREQUÊNCIA EMIGRATÓRIA
(com o estrangeiro e ultramar)
média de 1954-57



Cartograma A — A «frequência emigratória» média nos 4 anos tem para cada distrito os seguintes valores numéricos, por ordem decrescente: Bragança — 12,58; Guarda — 10,12; Viseu — 8,48; Aveiro — 8,45; Vila Real — 7,37; Viana do Castelo — 6,78; Coimbra — 5,00; Braga — 4,49; Leiria — 4,47; Porto — 4,36; Faro — 4,08; Castelo Branco — 3,69; Santarém — 2,72; Lisboa — 1,56; Setúbal — 1,31; Beja — 0,96; Portalegre — 0,89; Évora — 0,78.

A média geral para o Continente foi de 4,53.

os saldos fisiológicos. Ao contrário Coimbra, Faro, Viseu, Viana do Castelo e sobretudo Bragança e Guarda, vêem partir para terras distantes a maior parte — e por certo também a melhor — dos seus saldos. Neste ponto o panorama das nossas Ilhas Adjacentes ainda é mais sombrio que o do Continente: perdem quase o dobro da percentagem sobre os saldos fisiológicos respectivos (77% para 36,9% no Continente).

*

Saber qual o número de emigrantes por cada conjunto de 1000 habitantes tem igualmente um assinalado interesse. É o que pode chamar-se a «frequência emigratória».

O quadro acabado de observar dá-nos já valiosas indicações. Preferimos, no entanto, acrescentar o *cartograma* A com a média das «frequências emigratórias» dos distritos do Continente, no quadriénio 1954-57 (único período para o qual dispúnhamos dos dados necessários). Este cartograma é suficientemente sugestivo e dispensa quaisquer comentários.

*

Vale a pena deitar também um olhar pelas principais *zonas de destino* da emigração portuguesa para o estrangeiro.

Neste resumido enuclear de alguns aspectos do problema da emigração, o quadro que a seguir se insere (Quadro II) traz algumas achegas de valor para a caracterização dos nossos movimentos demográficos com outras nações. A mais saliente é sem dúvida o lugar primordial que o Brasil ocupa entre todos os países, absorvendo cerca de 73% de tais movimentos.

*

Antes de terminar estes ligeiros apontamentos, que constituem, como já se disse, a primeira parte duma breve análise sobre o complexo problema da Emigração, terá grande interesse interrogarmo-nos ainda sobre a *profissão* dos emigrantes segundo as estatísticas oficiais. Reparemos, para tanto, no *gráfico* 2.

Este gráfico fornece as percentagens de emigrantes dos 2 sexos, maiores de 12 anos, que em 1957 se distribuíam da maneira indicada pelas actividades «primárias», «secundárias» e «terciárias». Tais números, não sendo rigorosos dão-nos, entretanto, matéria mais que suficiente para boa meditação, ao indicar-nos que mais de metade daqueles portugueses que vão exercer o seu labor fora da mãe-pátria, procedem do 1.º sector — o das actividades primárias. Quer dizer: quase 60% saem da *Agricultura* e certamente maior é o número daqueles que provêm, não apenas do campo, mas do «*meio rural*» — do ambiente que lhes serviu de berço, que foi testemunha dos

QUADRO II

Os destinos da emigração portuguesa nos últimos 10 anos (8)

Países de destino	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	Totais no decénio	Percentagem
Antilha Holandesas	515	306	824	612	556	264	70	50	80	303	3.580	1,17
Argentina	814	1.067	1.865	1.994	1.477	784	818	583	463	518	10.383	3,40
Brasil	8.770	11.974	14.143	28.104	41.518	32.159	29.943	18.486	16.814	19.931	221.842	72,72
Canadá (9)	—	—	—	—	—	—	—	—	1.612	4.158	5.770	1,89
Estados Unidos	637	1505	938	676	582	1455	1918	1328	1.503	1.628	12.170	3,99
França	—	499	319	67		414	568	985	772	3.102	6.987	2,29
U. África do Sul	295	208	232	351	355	313	559	1025	1.225	757	5.320	1,74
Venezuela	738	795	3.077	1.416	1668	3.504	5.508	5.718	3.773	4.324	30.521	10,00
Outros Países	574	942	494	444	601	793	1.627	1.621	775	635	8.506	2,79
Total	12.343	17.296	21.892	33.664	47.018	39.686	41.011	29.796	27.017	35.356	305.079	100

(8) Extraído do «Boletim da Junta de Emigração» (1957), pág. 28.
(9) Anteriormente a 1956 a emigração para o Canadá encontra-se englobada em «Outros Países».

primeiros suores vertidos numa áspera luta pela vida e que os não pode albergar dentro dos seus acanhados e sobrepovoados limites.

Eles têm de partir. E ao partirem, embora levem consigo grande parte dos 10% de analfabetos que emigram, nada há já que os detenha ou embarace.

E que é que poderia detê-los — a eles, que na sua maioria são gente moça dos 15 aos 35 anos?...

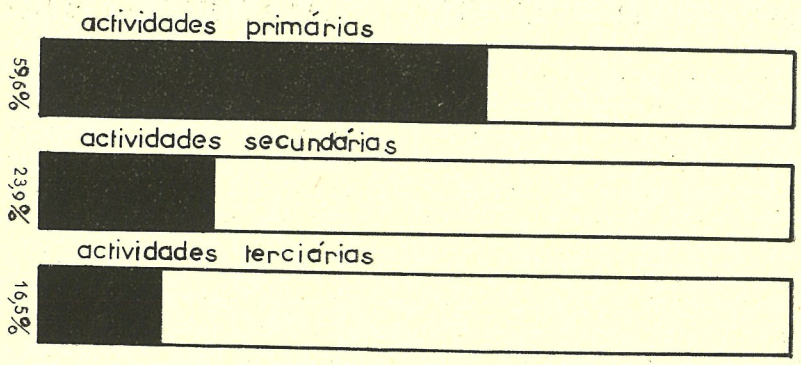


Gráfico 2: EMIGRANTES SEGUNDO A PROFISSÃO (1957)
(maiores de 12 anos)

Actividades *primárias*	Agricultura, Silvicultura e Pecuária Pesca Indústrias extractivas
Actividades *secundárias*	Indústrias transformadoras Construção civil e obras públicas
Actividades *terciárias*	De carácter intelectual e directivo Comércio, etc. Transportes Serviços pessoais e outros

J. M. Magalhães

PANORAMA DO NEOREALISMO ITALIANO

Este artigo é escrito por alguém muito conhecido de todos os que se interessam pelo movimento cinematográfico em Portugal: Luís de Pina.

Luís Estêvão de Andrade de Pina começou como crítico cinematográfico de Estudos *(C.A.D.C., Coimbra) e de* Povo de Fafe, *em 1953. Ainda em Coimbra e no ano seguinte, foi director da Secção de Cinema da Associação Académica e do Círculo de Cultura Cinematográfica. Desde Novembro de 1956 a Fevereiro de 1958 foi crítico de cinema do* Diário Ilustrado, *cargo de que se demitiu em Março de 1958. Desde essa data, chefia os serviços de cinema da Direcção Geral do Ensino Primário, tendo sido chamado em Setembro do mesmo ano para membro da Comissão Organizadora da Federação Portuguesa dos Cineclubes. Eleito para suplente da Comissão Executiva do Sector Cultural do I Congresso do Cinema Português. Membro do júri dos prémios de cinema do SNI. (1958). É director da revista FILME e da colecção de livros de cinema FILME, onde vai publicar muito brevemente* Federico Fellini. *Colaborador de* Estudos, 4 ventos, Via Latina, Cidade Nova, Infância e Juventude, Escola Portuguesa.

Assistente de Silva Brandão em Amadeo de Souza Cardoso, *realizou em 16 mm* Missão Cultural aos Açores, *preparando algumas curtas-metragens didácticas e um documentário a cores de longa metragem.*

*

* *

Se o neorealismo italiano é, efectivamente, um cinema útil ao homem, é-o no seu resultado, não no seu ponto de partida.

ANDRÉ BAZIN

Quando em Portugal se estreou *Dois dias fora da vida,* no velho e hoje abandonado Ginásio, o cinema italiano pouco queria dizer. Grandiloquência histórica, óperas filmadas, comédias de luxo, Augusto Genina, Alessandro Blasetti, Carmine Gallone e poucos mais. Nada, enfim, que fizesse suspeitar do extraordinário surto artístico que, pouco depois, iria encher de espanto esta boa e tranquila terra portuguesa.

Todos se admiraram então, de ver o majestoso Blasetti ligado a uma tão simples, humana e terna história. E, se um ou outro, inteligentemente reparou no nome dos dois argumentistas — Piero Tellini e Cesare Zavattini — quase ninguém soube compreender o significado da aparente rotura dos hábitos do realizador com a força jovem do argumento.

Por deficiência de distribuição não vimos aqui outros filmes da mesma época

— *Ossessione*, de Visconti, *I bambini ci guardano*, de Vittorio de Sica, *Fari nella nebbia*, de Franciolini, *L'última carrossella*, de Mattolli, etc. — onde o fermento do novo cinema se poderia encontrar na frescura das histórias e na juventude directiva dos realizadores. Por culpa da distribuição, igualmente, também não vimos as raras obras que se afastavam da retórica oficial ou da superficialidade brilhante da maioria do cinema italiano anterior — a série de Camerini, a *Vecchia guarda* ou o *1860* de Blasetti.

Uma característica, porém, ligava todos os filmes apontados e flagrantíssima num outro filme italiano que fez sucesso e se chamava *Nada de novo no Alcazar:* o realismo. Realismo novo, sincero, humano, amável, cinematográfico, livre, nada tendo que ver com o naturalismo ou com quaisquer outras ligações literárias ou filosóficas. Era obra, acima de tudo, de magníficos argumentistas, criadores de cinema que sentiam a urgência do tratamento de uma realidade esquecida.

Dois ou três anos se passaram depois da estreia de *Dois dias fora da vida.* E quando o público de Lisboa viu *Roma cidade aberta,* ficou estupefacto, agarrado à humaníssima crueza do documento cinematográfico que o jovem Roberto Rossellini lhes trazia. Tècnicamente precário, o filme era rico de humanidade e de significado, além de patentear com abundância uma nova maneira de fazer cinema que então foi chamada neorealismo. Uma vez mais, poucos deram importância aos argumentistas: um deles tinha vinte e cinco anos e chamava-se Frederico Fellini.

*

* *

Cremos que o súbito esplendor do cinema italiano, a descoberta da sua nova estrada foi um facto de cultura, uma revolução serenamente preparada entre a força das experiências pessoais, entre a essência redescoberta de uma tradição literária, entre as novas direcções cinematográficas do Centro Sperimentale di Cinematografia, entre certas exigências estéticas que levavam ao realismo. Acima de tudo, porém, uma vontade de sinceridade, de quebrar cadeias, de ir ao encontro de uma realidade então viva e escaldante: a realidade da guerra, que traria depois atrás de si o estudo de outras realidades. A forma escolhida foi o documento, a simplicidade, que não significam indigência: tomava-se consciência, o mais ao vivo possível, das trágicas condições da sociedade italiana.

O cinema italiano teve a sorte de encontrar quatro ou cinco escritores que, numa medida só igualada pelos americanos, souberam dar corpo cinematográfico a exigências culturais sem o ar de coisa construída e elaborada. Há, assim, uma unidade profunda entre a disparidade de estilos de intenções, de personalidades. Não acreditamos que o neorealismo italiano tenha saído da pobreza de meios técnicos, que teriam levado a girar na rua, etc. (*Libertação* foi até um filme caríssimo) como também não acreditamos que tenha saído todo ele de um mesmo pensamento director. O facto de todos fazerem da mesma maneira não evita a profunda disparidade que há, por exemplo, entre um *Arroz amargo* e um *Roma cidade aberta* entre um *Ladrão de bicicletas* e um *Sem piedade.*

O que caracteriza o neorealismo é o sincero encontro com a realidade, escolhida conforme a formação cultural de cada um, o contar sem artifício, a descoberta do próximo, o desejo de aprofundar relações humanas, de dar testemunho. «Se o realismo — escreve Gian Luigi Rondi — tinha sido uma maneira de interpretar a reali-

dade, segundo uma exigência de natureza essencialmente estética, aquilo que se chamou neorealismo obedeceu, pelo contrário, a exigências menos exteriores e mais humanas; àqueles que o criaram, de facto, apresentou-se de repente, ainda que na disparidade da forma, inspirado por um motivo comum, aquilo que, pondo aos poetas o problema angustioso do colóquio com os seus semelhantes, os obrigava, pela necessidade de serem perfeitamente compreendidos, e por isso, de poder ajudar, a procurar uma linguagem simples e descarnada».

Assim, o neorealismo não foi, senão num pequeno sector — o da esquerda avançada — um movimento organizado, mas um sentimento colectivo, uma tomada de consciência geral ante uma realidade que era urgente tratar e da única maneira que podia ser tratada — a mais imediata, acessível, populista, sentida. Não houve um punhado de artistas que se reuniram para fazer o neorealismo, mas um punhado de artistas a fazer, dentro da diversidade de cultura e de personalidade, da mesma forma.

Existe, assim, uma forma neorealista, que coloriu todos os melhores filmes italianos entre 1945 e 1953, que tanto durou o movimento, e um fundo neorealista, ou seja, neorealismo como atitude intelectual, ideológico, política. Repare-se que falamos em *forma* e não em *técnica*.

A forma neorealista é comum a todos os filmes, profundamente divergentes no conteúdo. Só assim é possível apresentar reunidas películas tão dispares como *Dez réis de esperança* e *Ladrões de bicicletas*, *Libertação* e *Arroz amargo*, *Sem piedade* ou *Toque a rebate* e *La terra trema*. No sentido intelectual, neorealismo é apenas o estudo, a investigação de uma sociedade classista, analisada nos seus componentes humanos e sempre em termos de oposição de categoria cultural. A esta corrente pertencem Giuseppe de Santis, Carlo Lizzani ou Francesco Maselli.

Do outro lado da linha, e mais apegados alguns a um conceito tradicional do cinema, estão Rossellini, Sica Blasetti, Castellani, Zampa, Germi, De Filippo, Tellini, Lattuada. Aos primeiros, é comum o nome de Cesare Zavattini, poeta do cinema neorealista, da urgência social. Como argumentista dos últimos aparece às vezes o nome profundo e activo de Frederico Fellini.

*

* *

Dissemos atrás que o cinema italiano triunfou graças a um talentoso grupo de escritores de cinema que impuseram uma maneira nova de contar em cinema e, contenuìsticamente, problemas novos e inéditos na sua humaníssima quotidianeidade, em oposição a uma retórica formal que impedia, por motivos sabidos, o cinema do seu tempo de ser verdadeiro. E, quer se ponha o acento no individual ou no colectivo (há erros e triunfos de um lado e doutro) a verdade é que o neorealismo italiano, como movimento humano, como nova maneira de fazer cinema, deve muito aos homens que, por detrás do filme, lhe lançaram as bases formais e argumentais. Além de Zavattini e Fellini, que deram corpo às obras-primas de De Sica, Rossellini, Germi, Lattuada, Visconti, Blasetti, não devem esquecer-se os nomes de um Tellini, que fez Luigi Zampa (como Vitaliano Brancati), de um Amidei, que foi o argumentista preferido de Luciano Emmer, de um Pinnelli, de um Flaiano dessa técnica admirável que é Suso Cecchi d'Amico e de tantos outros inventores menores.

E hoje, à distância, e já que se fala de forma, deve afastar-se outro conceito errado que costuma acompanhar o neorealismo: o da improvisação. A escolha de

décors naturais e de actores improvisados na estrada não foi só uma razão de ordem técnica. Repare-se que o *décor* tem, não a função neutral que lhe querem atribuir, mas quase sempre um significado, resultante de um empenho do fotógrafo que não é indigência. As paisagens ásperas de *Libertação*, as ruínas e a composição de Lattuada, a violenta neutralidade de um Visconti ou de um Sica põe-nos na pista doutra verdade: o prestígio técnico dos artífices italianos. Um admirável time de fotógrafos, por exemplo: um Tonti, um Martelli, um Aldo, um Portalupi, um Montuori, um Serafin só tem rival entre os americanos. Quase sempre, o que faltava nesses filmes eram pormenores técnicos sem grande importância: o som, a qualidade da película. Uma vez mais se confundia técnica com linguagem.

A forma dos primeiros filmes neorealistas foi mais querida do que imposta pelas circunstâncias: hoje, ao contemplar-se o apuro técnico de um Sica, de um Fellini, de um Castellani, de um Germi, de um Lattuada, não pode deixar de reconhecer-se que é a étape final de um longo caminho. O neorealismo foi um ponto de partida portanto, não de chegada. Mas já voltaremos a ele.

No neorealismo revelaram-se alguns dos maiores inventores de cinema do nosso tempo e fez-se o mais avançado cinema do mundo. Foi um proveitoso estágio para as ambições de um Fellini, de um Visconti ou de um Castellani, hoje dotados de uma forma rica, de um estilo sem igual, de um poder de criação cinematográfica que muita gente supunha estar limitado às charras histórias do quotidiano. Foram essas histórias muito simples e muito humanas, despidas de retórica, que impuseram a forma, da mesma maneira que a vivida maneira de contar dos americanos se deve aos filmes de «cowboys» e de «gangsters». Um enriquecimento progressivo nos criadores levou-os a histórias mais complicadas, mais elaboradas, doutra realidade.

Hoje, perante a opulência formal, o bom gosto e o notável equilíbrio entre o esplendor e a humanidade que apresentam filmes evoluídos como *Noites de Cabiria, Processo contra a cidade, Oiro de Nápoles, Sentimento, O capote, Romeu e Julieta, Carrocel napolitano*, chega-se a uma outra conclusão, igualmente fácil de comprovar: a maturidade actual dos cineastas italianos, fruto de uma ambição de enriquecerem a sua técnica e a sua temática, não foi uma fuga aos temas simples, directos, socialmente úteis e urgentes dos primeiros tempos: não foi uma traição ou uma involução do neorealismo, foi um enriquecimento. São justas, a este propósito, as palavras de Fellini: «É na descoberta das verdades presentes em todos os homens que eu penso continuar o neorealismo. O neorealismo tinha examinado com olhar atento, novo, indagador, a humanidade do após-guerra. Mas é necessário também continuar esta obra do neorealismo olhando mais fundo nas consciências, na interioridade de todos. Tomar consciência de panoramas e equilíbrios desconhecidos e permanentes».

É fácil ler-se por todo o mundo trechos de ensaístas que sustentam que o cinema italiano deve ser neorealista. E quem o sustenta são precisamente os marxistas, não se cansando de acusar com o ferrete da traição e da mediocridade obras que só têm o defeito de não ser neorealistas. Claro que esta palavra «neorealismo» tem nas suas penas um significado preciso, limitado e não aberto ao profundo diálogo sobre o homem, encarado em toda a sua realidade e não só como animal social, com categoria cultural. Neorealismo para eles, é só a investigação dialéctica do real, a acusação de uma sociedade classista, a viva oposição entre a burguesia e o trabalhador, entre o rico e o pobre, numa denominação mais popular e por vezes alcunhada de evangélica.

Este realismo esteve atento à estruturação classista da sociedade italiana, às suas modificações, à urgência dos seus problemas sociais, à sua historicidade, oferecendo soluções colectivas e nunca individuais. Havia nos seus directores mais significativos uma consciência histórica, civil, progressista, dos problemas da nova sociedade. Neorealismo, para todos eles, teve sempre um significado cultural preciso, uma etiqueta colectiva, fora da qual o caminho tinha o nome de traição, como aconteceu a De Sica quando se «vendeu» a David Selznick para *Estação Terminus*, como aconteceu a Rossellini quando fez *Stromboli*, como aconteceu a Fellini quando fez *A estrada*.

Claro que houve, quando a generosidade, a poesia e o talento dos autores o permitiram, uma salutar e inteligente denúncia de muitas taras sociais, um levantar de problemas, a procura de uma estruturação expressiva comum com raízes duradouras mas que o individualismo dos autores nunca permitiu. As bases de uma estética realista neste sentido tentaram-nas um Aristarco, um Lizzani, um Bárbaro, um De Santis e alguns dos seus postulados são conhecidos mas entroncam num Bela Balász, nas lições dos russos. No fundo, e por isso mesmo, este neorealismo cerrado é formalista, esteticista: caso dos filmes de De Santis, caso dos filmes de Lizzani, frios, teóricos e vazios daquela verdade que as categorias culturais não possuem.

Mas, como dizíamos, se não considerarmos o neorealismo como um movimento fechado mas como um denominador comum de férteis experiências individuais, que encontraram uma forma rica de sugestões revolucionárias, pondo fim às mentiras que afogavam o cinema e abrindo-lhe novos caminhos, há que estudar duas coisas separadamente: a personalidade dos criadores e a forma que preferiram.

*
* *

Um aviso é preciso fazer antes de mais nada: neorealismo não é a maneira de filmar uma determinada realidade, mas o seu processo de comunicação com o espectador. Nesse processo, duas coisas se salientam: a quotidianeidade e a humanidade das personagens, a simplicidade dramática e expressiva, o primado do acontecimento sobre a acção e a transformação do quotidiano em espectáculo. Sobretudo, o neorealismo não é particularista: trata-se de uma atitude geral «colorida» por uma atitude particular (na síntese de A. J. Cauliez). Para nós, e por isso mesmo, *Céu sobre o pântano* é tão neorealista como *Umberto D:* para um marxista é que não.

No fundo, neorealismo é, de facto, uma forma moderna de fazer cinema: a câmara investiga uma nova realidade e não o pode fazer como dantes, tem de chegar à forma nova. Descobriu o valor do próximo, humanizou um cinema desumanizado, rodeou a personagem de um cenário sempre real e significativo, e, no plano moral, chamou a atenção para o valor dos actos mínimos da vida, apelando para a consciência dos homens, para a sua responsabilidade.

Muito desse desejo continua hoje em obras que já não são neorealistas, embora conservem o essencial do seu espírito — a busca humanística de um sincero retrato do homem, enriquecido pelo peso das suas conquistas multiseculares, centro de toda uma cultura sempre nova, servido por uma arte sempre nova. A seriedade do neorealismo é a mesma que nos leva a considerar, como dizia Almada Negreiros, a alegria como a coisa mais séria da vida. E, como a alegria é inseparável da poesia, diremos que o neorealismo conseguiu fazer poesia das próprias imagens, do próprio

acontecer quotidiano, conseguiu descobrir a pureza de uma linguagem que se julgava perdida. O acordar mágico da criadita em *Umberto D,* ou os encontros nocturnos de Fellini, essas chaves poéticas que nos levam de um mundo feito da aparência das coisas para a intuição do inefável, são o mais alto momento deste novo cinema.

*

* *

Teórico do movimento e inteligente criador das soluções expressivas mais curiosas do neorealismo, Zavattini é também o experimentador ousado que se apaixona pelas experiências. Ouçamo-lo conceber o novo cinema.

«Até que superemos e vençamos a nossa preguiça intelectual e moral a realidade parecerá privada de qualquer interesse. Não é de admirar que o cinema tenha sempre achado natural e inevitável a necessidade de inserir uma «história» na realidade, a fim de torná-la «apaixonante», espectacular. A característica e a novidade mais importantes do neorealismo, parece-me, estão na descoberta de que a necessidade da «história» não era outra coisa senão um modo inconsciente de esconder um defeito humano nosso e que a imaginação, tal como era exercida, não fazia outra coisa do que sobrepor fórmulas mortas a factos sociais vivos». E mais adiante nesta sua CARTILHA DO NEOREALISMO: «Dêm-nos um facto qualquer e nós o desentranharemos de forma a transformá-lo em espectáculo» (...) Qualquer hora do dia, qualquer lugar, qualquer pessoa, estão carregados de realidade e de responsabilidade, interdependentes e correlativos entre si, de modo que o eco de um facto qualquer pode chegar a fazer vibrar todas as outras partes do tecido do mundo». Ou seja, para Zavattini, o novo cinema é analítico, livre, cinema.

Quase a mesma coisa nos declarou Frederico Fellini no fim de uma tarde de outono lisboeta. «Procuro causar com os meus filmes uma sensação de inquietação. Neles não há a palavra «fim» sobre as personagens. Quando se conta uma história com um fim, o espectador liberta-se. Deixá-lo entregue a si mesmo nessa altura causa-lhe uma sensação de euforia. Antes ou depois virá um momento em que o espectador verá no filme a história da sua vida. E então...

Procuro deixá-lo, assim, na introdução de uma nova vida. O futuro de Cabiria, por exemplo, somos nós que devemos fazê-lo. Insistir na personagem, fazer uma história com o pretexto da sua existência limitada às fronteiras dessa história, é deixar de fora o espectador. A palavra fim é um modo de evasão como qualquer outro».

Sobre a forma nova, portanto, uma cuidada preocupação moral. Acompanhar aquela realidade que nos é mais cara (social, em algum Zavattini, espiritual, em Fellini) e exprimir o contacto intenso com a personagem, que agora se impõe com rara força humana, com desusada poesia, com penetrante análise. Isolada nos seus estados de alma, acompanhada por uma «*coralità*» que lhe dá sentido ou integrada num todo social que lhe delinea os contornos humanos, a personagem neoralista não é «herói» no vulgar sentido da palavra, excluindo o seu actuar impossível. Não é excepcional porque o sentido do novo cinema italiano está na sua quotidianeidade, na sua humildade, em certo sentido até ao franciscanismo, nessa comunhão rara dos homens, do modo e da corrente interior da vida que até 1945 muito pouco palpitara no cinema de todo o mundo. «Os homens — conclui Zavattini — devem ter conhecimento desta independência dos seres existentes e aprender a estar presentes em tudo o que su-

cede hora a hora, de pessoa a pessoa, assumindo de momento a momento a própria responsabilidade».

Tal o sentido moral e formal deste novo cinema que pode abordar todos os temas «incluindo a comédia musical», como em sonora e napolitana «*boutade*» garantiu Vittorio de Sica aos jornalistas portugueses.

Uma forma, portanto. Em que sentido? Sem cairmos no pleonasmo, diremos qeu o cinema neoralista é, em todos os seus criadores, cinema antes de mais nada. Desaparecem as ligações teatrais e literárias: em Rossellini chega-se ao improviso criador, ao cinema feito «in loco filmis». Na construção do argumento, assiste-se ao primado do acontecimento sobre a acção, cada cena não é o antecedente lógico e inevitável da cena seguinte. É o plano que conta, não a sua ordenação dramática. Cada momento do filme, portanto, tem o seu sentido independente, em qualquer altura se faz uma chamada à realidade. É esta aparente desordem, liricamente intuída, que faz a glória de *A estrada*, como a neutralidade dramática de *Ladrões de bicicletas* de *O santo dos pobrezinhos* — nada se passa, diz o espectador à procura de uma coisa que se não chama cinema. Palpita, em detrimento do drama, uma participação na harmonia do mundo.

Por isso é que nos filmes italianos se sente latejar uma verdade interior uma transcendência que não é difícil encontrar nos seus maiores poetas, mesmo quando a atenção social pretende impor-se. A função do *décor* natural ilumina-se agora com esta luz e não é mais indigência.

E se há directores mais atreitos a uma concepção clássica de cinema, Castellani, Lattuada, Zampa, em todos é visível a frescura de invenção, o sentido da realidade, a humanidade franca das personagens, o *décor* natural, a recusa do «actor», a procura da justiça e do amor. Mesmo nos subprodutos (Castellani, por exemplo, imitado nos *Pão amor e...*,) são visíveis as qualidades da escola, nunca afastadas de um género em que os italianos são mestres: a comédia. Todos os filmes de Castellani, de Emmer, de De Filippo, alguns de Zampa, de Blasetti ou de Camerini, são comédias, construídas sobre um modelo que se chama *Dois dias fora da vida*.

*
* *

Falámos das correntes espiritual e social em que o neoralismo principalmente se analisa. E não queremos deixar de vincar os traços, ainda que fugidamente, dos seus maiores criadores.

Em Vittorio de Sica há uma sentida e humilde revolta contra um mundo que desconhece o amor, uma sociedade que ignora os dramas íntimos, pequenos, desconhecidos, dos seus filhos. Que importam as crianças abandonadas de *Sciuscià*? Que importa que tenham roubado a bicicleta a um tal António Ricci? Que importa que os «barboni» de Milão sejam explorados por um mundo onde o bom dia não quer dizer bom dia? Que importa que um velho bom e só viva o seu drama de dignidade? Que importa que os jóvens esposos não tenham teto para se amarem? E no entanto, há uma terra onde a vida se encara com um sorriso de digna aceitação, de calada revolta, de eterna sabedoria. Sica sente com generosa indignação os defeitos de uma sociedade que não se importa de perder os seus filhos. Todo sensibilidade, calor humano, lírica intuição das pessoas e das coisas, deixa a Zavattini a vibração polémica, que este não costuma negar.

Se o estilo de De Sica, é uma sensibilidade, o de Rossellini é um olhar penetrante sobre o mundo, que o leva a mostrar «através das aparências da vida, a existência de uma vida profunda do seres e da alma». As criaturas são para Rossellini um mistério fundamental, uma intuição de estados de alma nunca afastados de um mundo transcendente, de uma coralidade que resume o homem e revela, aos mais extremados momentos da vida, a sua condição de homem e filho de Deus. O seu estilo de reportagem, de caçador de imagens, retrata sempre e insistentemente as contradições do homem e do mundo, confronta graça e pecado, caridade e egoísmo, guerra e paz, não dialècticamente opostas, mas coexistentes num mundo que perdeu o equilíbrio. Esse equilíbrio puro que se encontrava nos discípulos de Francisco, na aceitação de Karin na ilha do vulcão, na reconciliação improvável mas não impossível de dois esposos perante um mundo sentido, no perdão do padre «partigiano».

E Castellani? Castellani é o arquitecto todo sentimental e latino, o poeta do amor jovem, cantor único da sua Itália. Renato Castellani sonha com a juventude, dota os seus heróis de uma força vital com que hão-de conquistar o mundo. Criador, como poucos, dessa comédia que nasce das coisas simples, do canto puro. Sol, primavera, esperança, sonhos, palavras reais e sempre trocadas entre todos os Romeus e todas as Julietas de todo o mundo... E morte, sempre, impondo uma profundísima presença».

Visconti trouxe ao cinema a imponência de uma concepção teatral onde a «mise-en scène» se esconde para retratar com rara violência as contradições de um sistema social. Aristocrata, gosta de um neoromantismo exacerbado, com lúcidas anotações realistas na psicologia e nos costumes. Visconti é frio, distante, corrosivo, magnífico, príncipe romano do cinema neorealista. Opõe as classes e as pessoas capazes de sentimentos exacerbados e anormais. Certas cenas de «Belíssima» têm uma crueldade única, certas visões de «sentimento» são grotescas, disformes, chocantes, dantescas. Visconti — Borgia do neorealismo.

Logo a seguir, colocaremos um nome esquecido: o de Pietro Germi, narrador viril, de raro sentido plástico, analisando pessoas rudes: camponeses, operários, bandidos, sicilianos dos tempos presentes e da história, personagens camilianas, capaz de um autêntico «western» no melhor sentido — *O bandido da cova do lobo*. Hoje, Germi, dá-nos pungentes retratos do núcleo familiar e dos seus problemas e o seu estilo de narrador eficaz acompanha os ferroviários e os homens de palha que tão bem interpreta.

Atrás destes, há segundos de grande brilho. Um Blasetti, capaz de momentos de rara força, sempre elegante, sempre bom narrador, sempre correcto, sempre clássico, artesão infalível como Camerini, irregular contador de histórias, capaz de um *Ulisses* ao lado de um *Herói dos domingos*, capaz de compreender o neorealismo com *Sonhando pelo caminho* ou *Não matei* e continuar a estrada pequeno-burguesa que sempre trilhou; um Luigi Zampa, tranquilo humorista, dotado de uma consciência civil muito nítida, cronista de costumes e da história que sabe acolher a contribuição de argumentistas como Tellini e Brancati; um Luciano Emmer vindo da arte e construíndo, com Sérgio Amidei, um pequeno mundo de juventude, gostosamente popular, entre as raparigas da Praça de Espanha e uma classe média que ilustra com raro equilíbrio; um Giuseppe de Santis, polemista e esteta, estigmatizando as contradições de uma sociedade capitalista com uma forma rica de virilidade e sen-

tido plástico, como bom serrano que é; um Lattuada, caligráfico e elegantíssimo narrador, alternando páginas estupendas com irremediáveis compromissos; um De Filippo trazendo para o ecran os sentimentos vivos do seu teatro napolitano; um Michelangelo Antonioni frio psicólogo e agudo observador dos reflexos sociais na intimidade dos indivíduos e dos seus pequenos círculos, acusador em *A dama sem camélias* ou *I vinti*, estilista vincado em *O grito;* um Franciolini, amigo, como Emmer, dessa humanidade simples de um *Bom dia elefante* ou de *Villa Borghese;* um Comencini, autor dos *Pão amor e...* e cada vez melhor cineasta.

E há também as réussites isoladas: um *Polícia e ladrão,* cume de Steno e Monicelli; um *Cristo Proibido* encontro de Malaparte com o cinema; um *Céu sobre o Pântano,* desse magnífico Augusto Genina, ténico impecável e capaz de outros encontros felizes, como *A hera;* um *Il sole sorge ancora,* de Vergano; um *Febbre di vivere,* de Cláudio Gora, nunca visto em Portugal; um *Musoduro,* de Giuseppe Benati, um *Amigos para a vida,* um *Cronaca dei poveri amanti,* tudo prova de uma vitalidade cinematográfica que na Itália nasceu e que não pode perder-se em disputas estéreis, em discussão de falsos problemas, em caminhos que não são os de uma autêntica e moderna cultura, reflectindo, com a chamada do homem à responsabilidade, o latir de uma sociedade e de uma civilização que no cinema encontrou um dos mais poderosos meios de comunicação e difusão dos seus momentos mais ricos de humanidade.

LUÍS DE ANDRADE DE PINA

25 ANOS
DA
ACÇÃO CATÓLICA

- NOTAS
- DEPOIMENTOS

NÚMERO ESPECIAL DA NOVELLÆ OLIVARUM COM A COLABORAÇÃO DE VÁRIOS EX.mos PRELADOS, DIRIGENTES E ASSISTENTES DA ACÇÃO CATÓLICA, ETC.

UM NÚMERO QUE TEM DESPERTADO IMENSO INTERESSE PELA SUA AUTORIDADE, ACTUALIDADE E VALOR DE TESTEMUNHO.

ESPECIALMENTE RECOMENDADO AO CLERO E ORGANISMOS DA A. C.

Preço por exemplar **5$50**

INTRODUÇÃO AO JORNALISMO

A missão da imprensa católica — para resumir a doutrina dos Santos Padres e dos tratadistas — é a de criar uma mentalidade cristã, apresentando os acontecimentos à luz do Evangelho; e a de dirigir a conduta dos leitores, inculcando-lhes convicções profundas acerca da sua condição de católicos. Neste sentido, a imprensa católica é farol, fonte de vida, factor de progresso. Forma (deve formar) nos seus leitores o senso particular, o espírito, a mentalidade católica. Exerce, pois, um apostolado necessário e, além disso, um apostolado discreto e eficaz (o jornal propõe uma opinião, nunca a impõe; a ideia infiltra-se no espírito sem assumir o aspecto de uma pregação).

Daqui se deduz, que não basta à Igreja uma imprensa séria mas neutra. A neutralidade integral em questões de imprensa é um mito. Nalgumas partes — por exemplo — onde a imprensa continua a ter uma clientela excessivamente reduzida, os jornais (ou as revistas e sucedâneos) chamados sérios mas neutros, pecam muitas vezes por omissão: o seu primeiro cuidado será talvez o de não provocar nenhuma reacção desfavorável, tanto da parte dos anunciantes como dos leitores. Acresce que, na circunstância suposta e em relação à verdade cristã, os jornais não católicos costumam limitar-se a um respeito formalista, traduzido por um equilíbrio minucioso entre a amplitude de um acontecimento religioso e a superfície de papel que lhe concedem. Mesmo sem falar de certa imprensa que parece séria e neutra mas que procura servir determinados interesses económicos ou políticos; mesmo ignorando uma outra imprensa que parece séria e neutra mas explora as tendências pseudo-sentimentais, o primarismo e os estados mórbidos de alma. Além de que, nas suas opções concretas, essa imprensa nem sempre se enquadra numa concepção cristã da vida e do mundo.

A razão principal sobre que importa insistir é esta: Só a imprensa católica pode dar ao católico o complemento de informação, as directrizes morais e religiosas, o espírito e a mentalidade particular de que ele precisa. Quero acentuar, a propósito, que as grandes verdades do cristianismo e a doutrina da Igreja sobre os problemas da hora, são transmitidos normalmente e quase ùnicamente pela imprensa católica. Se as mensagens dos Papas e as directivas dos Bispos permanecem muitas vezes letra morta para bastantes fiéis, não será porque a imprensa católica não é lida nem difundida à escala do mundo católico? De passagem, lembro que o jornal neutro reserva um espaço habitualmente reduzido a este género de notícias e que corre o risco de exagerar a importância ou de sublinhar o traço sensacional do facto religioso (como

nos antecedentes próximos da eleição de S. S. João XXIII) segundo o clima do dia ou as tendências daqueles a quem serve. E a imprensa católica tem ainda uma tarefa própria e quase exclusiva: no domínio religioso, respeita e defende o dogma, sustenta e propaga os ensinamentos dos Papas e as orientações dos Bispos, põe em relevo as obras autênticamente meritórias, interessa a opinião pública pelo trabalho dos missionários, mantém os espíritos em contacto com o pensamento cristão universal; no domínio temporal, luta pela instauração da ordem social cristã, explicando os problemas e os acontecimentos à luz do ensino da Igreja. Não sòmente defende, mas difunde as ideias sãs.

Os católicos frente à imprensa

Um problema que se impõe aos católicos com urgência, é desfazer o círculo vicioso «não há bons jornais porque não há quem os compre; não há quem os compre porque são de nível inferior».

Todos estamos convencidos do valor da imprensa como a voz mais poderosa, que conforme a sua ideologia, vai até ao grande público difundir a verdade ou o erro. Mas, o que uma boa parte ainda não compreendeu, é a necessidade da imprensa católica. Compra-se indistintamente um jornal ou revista, pensando que é suficiente o não dizer nada que ofenda directamente o dogma católico. É devido a esta falta de auxílio e carinho, provenientes dum catolicismo tíbio e superficial, que a imprensa católica não triunfa.

A propósito desta pouca difusão dos jornais católicos, alguém escreveu estas frases: «Muitos leitores católicos têm dois vícios originais: murmurar se encontram mal o periódico católico... Assinam um diário liberal para não favorecer o católico, que julgam não corresponder ao seu critério».

O católico, embora seja livre na escolha do jornal ou revista que mais lhe agrada, tem obrigação de preferir o jornal católico ao neutro, quando não compre os dois, ainda que com isso sacrifique um pouco os seus gostos pessoais (antes de ser por este ou por aquele princípio social, orientação jornalística ou atitude política, o católico para ser coerente, há-de ser por Deus).

O católico tem o dever de não comprar, sob nenhum pretexto, a imprensa dita amarela (que falseia os factos, ou defende doutrinas erradas, ou difunde a pornografia, a imoralidade...).

O católico, mais do que interessar-se de longe e por condescendência pela imprensa católica, deve amá-la, porque ela se ocupa dos assuntos que ele mais aprecia e porque ela o ajuda a melhor viver o seu cristianismo. Perante o jornal católico, deve assumir uma posição militante: comprar ou assinar o jornal, torná-lo conhecido, confiar-lhe os seus anúncios, transmitir-lhe informações seguras, enviar-lhe críticas e sugestões tendentes a melhorá-lo...

Alguns problemas relativos a um diário católico moderno

A existência de um diário católico nacional, é de absoluta necessidade para os interesses da Igreja. A sua eficácia e gravitação espiritual, cultural e social, será tanto mais forte quanto mais difundido for esse diário. Os principais obstáculos da expansão do diário católico, em geral, são:

1.º — Um catolicismo tíbio e diluído que comece e termine em formalismos rituais e que, pela superficialidade, não suporta a leitura de um diário sério, doutrinal, formativo e orientador.

2.º — Um egoísmo pessoal ou de grupo, que sente aversão por tudo o que se faz fora do círculo egocêntrico ou da entidade católica à qual se pertence. Nasce assim o malsão propósito de criar obras paralelas e competidoras.

3.º — Uma paixão regionalista que desfaz extraordinàriamente o princípio fundamental da unidade nacional, dividindo e enfraquecendo as forças, em vez de as robustecer centralizando-as.

4.º — Uma obsessão de ideias ditadas por interesses económicos, políticos ou de classe.

5.º — O não se despertar na massa católica a responsabilidade moral dos seus deveres para com a imprensa católica, e o desejo pela leitura dum diário que informe, oriente e eduque sobre todos os problemas contemporâneos.

6.º — Incapacidade dos dirigentes seja qual for a secção em que trabalhem.

Partes constitutivas dum diário católico

Embora o diário católico se distinga essencialmente de um diário neutro sob o ponto de vista ideológico e doutrinário, contudo, na sua constituição jurídica, organização administrativa e desenrolar técnico, deve governar-se por regras e normas exactamente iguais às que regem todos os poderosos rotativos.

Graças a uma sólida financiação inicial, a uma sábia direcção e a uma esperta administração, o diário católico poderá oferecer artigos editoriais sérios e profundos, escritos por redactores especializados em cada tema; comentários da actualidade que abarquem todos os assuntos candentes do dia; críticas artísticas e literárias que estejam rubricadas por uma erudição suficientemente capaz de avaliar tais juízos e crónicas; informação nacional e estrangeira completa, ampla e seleccionada, onde não falte uma só notícia de interesse geral, e comentários procedentes de hábeis correspondentes próprios nas principais capitais do mundo; cronistas e repórteres astutos; informação objectiva sobre o movimento gremial, patronal e operário; páginas ilustradas e dedicadas aos desportos populares; secção de conferências e exposições; informação completa de quanto aconteça na província, etc. Ao mesmo tempo uma variada e nova quantidade de secções próprias, deve atrair o interesse permanente do público leitor.

A apresentação estética e tipográfica do diário católico deve ser perfeita, graças a uma técnica moderníssima realizada com recursos gráficos excelentes e, por último, que uma abundante quantidade de páginas e os suplementos semanários literários, gráficos e agronómicos, sejam portadores de um material de primeira ordem, preparado com suma dedicação por um pessoal completo, capaz e laborioso.

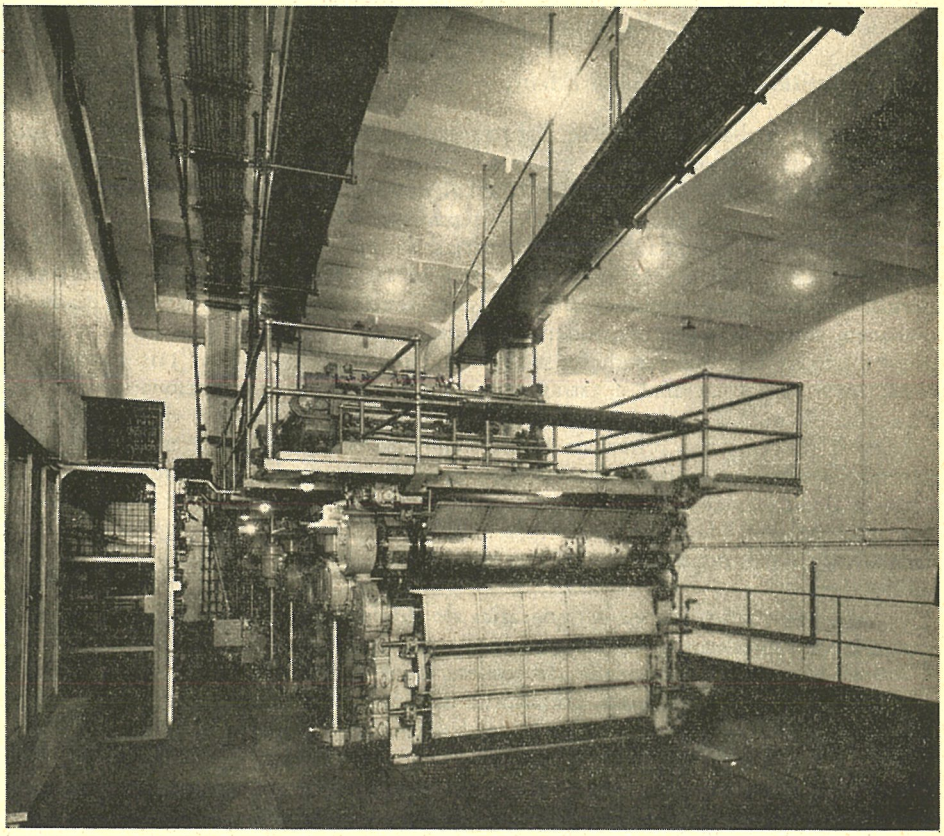
Difusão do diário católico

Ao difundir um diário católico, é aconselhável que o seu proselitismo se efectue em forma indirecta, diríamos, quase imperceptível, para que as suas páginas não caiam das mãos de tantas pessoas e para que não seja afastado enèrgicamente pelos que se dizem ateus e ainda pelos observantes doutros credos.

Um diário católico moderno de carácter nacional que queira obter grande penetração, deve oferecer uma amplidão informativa, uma variedade de temas, uma vasta visão panorâmica, uma agilidade periodista e uma perfeita técnica que o iguale aos poderosos rotativos de hoje, sem as etiquetas e as auriflamas doutrinais que afastam leitores.

Claro está, que, em todas as páginas desse diário moderno, deve encontrar-se o vivificante espírito do cristianismo, mas sem necessidade de que ele se manifeste numa prédica directa, permanente e belicosa, que só conduz a que fujam dessa publicação aqueles que mais necessitam dela. É dizer, que se deve proporcionar a celeste doutrina numa salsa lìcitamente profana, como escreveu um ilustre jornalista.

Por isso o diário católico moderno — não falamos do periódico ou da revista — deve abster-se das frequentes e destacadas crónicas religiosas e dos assuntos inter-



Rotativa do «Diário de Notícias»

(Quando é que o diário católico «Novidades» possuirá uma rotativa moderna?... A resposta tem de ser dada por todos os cristãos conscientes das suas responsabilidades católicas).

nos ou domésticos da actividade católica militante, que já têm os seus órgãos específicos; porque, fazê-lo assim, poderá agradar a um número reduzido de beneficiários, mas resulta insuportável para a grande maioria. Não se deve redigir e compor só para o «rebanhito de devotas» de que nos fala com pena um sábio jesuíta, nem para o grupo intranscendente que se vê sempre nas igrejas, claustros e sacristias. Esse diário católico moderno deve ser coluna eficientíssima da filosofia cristã e propagador da cultura católica, diluída em todas as suas páginas como celestiais vitaminas subministradas a toda a classe de público. Não deve escrever-se e confeccionar-se só para a ovelha mansa que está dentro do redil, mas também para as noventa e nove que estão fora. Vale muito mais defender e expandir o Magistério da Igreja, que inserir inócuas homilias, largas crónicas de procissões e biografias de clero.

Ao mesmo tempo, não deve também embandeirar-se em nenhum partido político, nem mesmo dentro de um partido dirigido por elementos católicos. Nas suas páginas não devem faltar as informações de todos os partidos que desceram ao palanque da contenda política, salvo tratando-se de alguma ideologia intrìnsecamente má que tenha sido expressamente condenada.

Nas suas relações com os mandatários civis, guardará o devido respeito à autoridade constituída, como ensinam S. Paulo e S. Tomás, mas sem submissões genuflectidas nem loas demasiadas.

Deveres do diário católico

Os deveres dum diário católico podem resumir-se em dois: informar e formar. Ou por outras palavras: contar exactamente os factos contemporâneos e emitir sobre eles o juízo conforme à verdade.

Um diário unilateral e sectário é lido só pelos da sua facção, e não semeia convicções nem fortifica vontades nos outros campos da opinião pública.

Uma das obrigações do diário católico é tornar-se exemplo de honestidade e lealdade. Só desta maneira reintegrará o espiritual no temporal, e obterá o respeito das suas convicções e a autoridade que convém à sua missão de educador. Tem o dever de salvar o ideal católico da família, formar o católico como bom cidadão, e projectar a luz do Evangelho sobre toda a actividade do mundo para restaurar lentamente, segundo a doutrina de Cristo, a política, a economia, a literatura, a arte, etc.

Isto mesmo ensinou S. S. Pio XII, de imortal memória, na mensagem que enviou ao V Congresso Mundial da Imprensa Católica, realizado em Viena de 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1957. Disse Sua Santidade: «Urge antes de tudo que a informação seja verdadeira. Basta, porém, abrir certos jornais, para dar-se conta de muitos modos de falsear uma notícia. Leviandade de quem lança uma notícia sem controle suficiente, isto é, sem um controle proporcionado à importância do facto e às suas possíveis repercussões. Falta de objectividade na maneira de vestir um acontecimento ou de o reduzir a um simples evento, sem consideração no seu valor real, com o único fim de atrair ou lisongear o leitor. Falta de probidade daqueles que amputam um comunicado ou um despacho de agência, ao ponto de desnaturá-los, ou ainda daqueles que não acolhem em suas colunas senão notícias que quadram com as próprias posições, cercando as outras de verdadeira conspiração de silêncio, ou

ainda daqueles que acompanham as informações de comentários tendenciosos e suposições malévolas...

A opinião pública sofre com o ser assim tratada precisamente por aqueles que a deveriam servir.

Contra tais desmandos tem a imprensa católica a obrigação de reagir com energia, examinando no seu esforço de elevação, se a ela mesma não sucedeu alguma vez sucumbir à tentação, tão forte hoje, de abusar da opinião pública, demasiado maleável».

O caso da imprensa católica portuguesa

Herdeiros dum anticlericalismo feroz, muitos católicos portugueses transpiram preconceitos contra a imprensa católica não a comprando nem lendo. Outros, ainda não deram conta do problema, nem conhecem a orientação da Igreja a este respeito. Mas, a principal causa da deficiente expansão da imprensa católica, emerge directamente de um cristianismo superficial, apático e ritualista, de que só em época próxima começámos a libertar-nos.

Há, pois, necessidade de realizar o que S. S. Pio XI disse em carta ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa: «Uma outra forma de actividade a que a Acção Católica no vosso País deverá aplicar-se com cuidado especial, é a que consiste em suscitar e propagar a boa imprensa e em particular a imprensa quotidiana, que, porque é mais difundida, é também a mais eficaz».

Vários são os problemas da imprensa católica em Portugal que merecem a atenção de todos os membros da Igreja: prelados, sacerdotes e leigos. Os principais, como escreveu há pouco tempo nesta revista o ilustre Director do diário «Novidades», são: fundação dum diário católico no Porto, dotação de «Novidades» com uma rotativa moderna e federação em bases razoáveis e úteis dos nossos semanários.

De tudo uma coisa a realizar, é a fundação dum «Centro Nacional de Imprensa Católica». As suas funções seriam:

— *a)* Regulamentar todos os problemas relativos à Imprensa Nacional Católica;
— *b)* Federar todos os jornais, boletins e revistas do campo católico;
— *c)* Assegurar a unidade de orientação em determinados problemas entre as publicações católicas;
— *d)* Promover a difusão da imprensa católica, no plano nacional e diocesano, especialmente do diário católico;
— *e)* Cooperar, na medida do possível, com as diversas publicações, fornecendo artigos, gravuras, etc.;
— *f)* Promover a cultura jornalística de todos os que trabalham na imprensa católica, através de cursos de férias, participação destes em trabalhos congéneres no estrangeiro;
— *g)* Promover a especialização de alguns redactores em determinadas matérias;
— *h)* Organizar nos Seminários círculos de estudos jornalísticos;
— *i)* Organizar o «Dia da Imprensa Católica» nacional e interessar na difusão do diário católico os párocos e demais sacerdotes, os elementos da Acção Católica e de todas as associações religiosas.

Ao falarmos aqui, na fundação do Centro Nacional de Imprensa Católica, não podemos esquecer uma tentativa digna de todo o aplauso, aparecida em 18 de Fevereiro de 1959: o Serviço Auxiliar de Imprensa Católica. O seu programa é abordar os problemas cristãos e nacionais da actualidade, as grandes preocupações da Igreja, problemas sociais, agrícolas e industriais, notas literárias e litúrgicas, higiene e medicina, ultramar e missões, problemas femininos, arte e música, artigos de ordem técnica, etc.

Na imprensa católica portuguesa, há dois defeitos que se deparam imediatamente:

- 1) Falta de uma empresa. O periódico católico deve ter uma boa organização técnica, industrial e comercial. A imprensa é hoje uma das mais complexas actividades e a sua subsistência é incompatível com o amadorismo. Problemas de redacção, de composição e impressão, de venda, de publicidade, etc., exigem pessoal técnico especializado e retribuido de harmonia com o valor dos seus serviços. Por outras palavras: a imprensa católica não está montada, em muitos casos, com uma empresa industrial e comercial que deve assegurar a sua própria solvência. As dificuldades materiais, financeiras, vêm retratadas na primeira página de cada número do periódico...

- 2) Falta de leigos especializados. A imprensa sem técnicos de administração viverá de balões de ar; sem técnicos de publicidade não terá anúncios, ou terá poucos anúncios; sem técnicos de venda (que conheçam os segredos da distribuição, etc.) não assegurará uma eficiente expansão; sem técnicos que organizem e executem os trabalhos de redacção não interessará o leitor comum.

Em Portugal, não podemos dizer que haja pouca imprensa católica: 2 diários, 37 jornais semanários, mais de 40 revistas, e uma multidão de boletins quinzenários, mensários, paroquiais e inter-paroquiais. O que podemos e temos de afirmar é que uma grande parte desta imprensa é fraca. Não eram precisas tantas publicações num país pequeno como o nosso, se a sua organização fosse melhor.

De tudo o que fica dito, que não foi senão simples introdução, apraz-nos perguntar: demos nós já conta da importância da imprensa católica?

Se não, aqui deixamos para terminar, as palavras de S. Pio X que tão luminosamente anteviu este magno problema: «Em vão construireis igrejas, pregareis missões, fundareis escolas: todas as boas obras, todos os vossos esforços serão destruidos, se não souberdes manejar ao mesmo tempo a arma defensiva e ofensiva da imprensa católica, leal, sincera».

ANTÓNIO DOS REIS

PANORAMA

O ENCONTRO DE RODES

Falaram há pouco tempo os jornais com certa insistência do Encontro de Rodes, mas, como tantas vezes infelizmente acontece, não tiveram o mérito de ser claros. Que foi então o Encontro de Rodes? Porque é que se falou tanto dele?

O Encontro de Rodes não foi mais que a sessão anual do Comité Central do Conselho Ecuménico das Igrejas, levada a efeito naquela ilha do Mediterrâneo, de 19 a 28 do passado mês de Agosto.

O Conselho ecuménico das Igrejas («World Council of Churches) foi constituido oficialmente na Conferência de Amsterdão em 1948 e quer ser «como que a comunhão antecipada das Igrejas que reconhecem a Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador». Dele fazem parte à volta de 150 confissões cristãs; protestantes e Ortodoxos. A Igreja católica e a Igreja Ortodoxa Russa não estão nele representadas.

A reunião deste ano teve de interessante o facto de ser pela primeira vez realizada em terra ortodoxa 100%, sabido como é que no jogo de influências existente no referido comité central, a balança pende nìtidamente a favor da mentalidade protestante reformada. Em todo o caso o que deu mais que falar não foi a reunião em si, que aliás tratou assuntos de muito interesse como: o anunciado concílio ecuménico da Igreja Católica e o projecto da possível integração no Conselho Ecuménico das Igrejas, do Conselho Internacional das Missões, organismo no qual têm estado até agora filiadas, grande parte das sociedades missionárias protestantes. Mas como dizia não foi tanto a reunião que as agências divulgaram, como sobretudo algo que se passou à margem dela, mas na mesma altura e no mesmo local. Trata-se de um encontro absolutamente privado (e aqui é que esteve a confusão por parte das agências noticiosas que o apresentaram como tendo carácter oficial) entre 50 membros da Igreja Ortodoxa Grega alguns dos quais bispos e membros do clero, e alguns teólogos católicos, nomeadamente o R. P. Dumont, director do Centro de Estudos para assuntos ecuménicos «ISTINA» e Mons. Willebrands, secretário da «Conferência Católica para problemas ecuménicos». Este encontro, organizado e presidido pelo metropolita Tiago de Filadélfia em representação do Patriarca de Constantinopla, tinha como finalidade imediata, preparar uma conferência teológica a realizar em 1960 que reunisse teólogos católicos por um lado, e teólogos da Igreja grega e eventualmente de outras Igrejas Ortodoxas, por outro. Embora, como se disse, este encontro prévio, não tivesse qualquer carácter oficial, realizou-se todavia com a aquiescência e até encorajamento das autoridades responsáveis de ambas as Igrejas.

As confusões a que atrás aludimos, vieram do facto de jornalistas mal informados e amigos do sensacionalismo terem divulgado informações absolutamente inexactas àcerca do encontro. Essas notícias foram consideradas alarmantes em certos sectores do Conselho Ecuménico, e houve até quem falasse em «uma maquinação do Vaticano para afastar do Conselho, a Igreja Ortodoxa Grega». Enfim uma série de malentendidos a que infelizmente não esteve alheia uma informação e respectivo comentário irradiados em 3 de Setembro pela Rádio Vaticano, que se baseava aliás em informações inexactas publicadas pelos jornais dias antes, segundo as quais o local escolhido para o encontro de 1960 teria sido Veneza. Ora a verdade é que ainda se não tinha chegado a um acordo sobre o assunto. Estas confusões deram origem a uma dupla reacção por parte dos ortodoxos: por um lado o metropolita Tiago de Filadélfia achou necessário ler no comité Central do Conselho Ecuménico das Igrejas, uma declaração mostrando a sua surpreza «por alguns malentendidos e notáveis exageros que apareceram na imprensa acerca de um encontro amigável entre membros ortodoxos do Comité Central e 2 convidados católicos romanos à sessão do Conselho Ecuménico»; por outro lado o patriarca ecuménico de Constantinopla fez saber, que a Igreja Ortodoxa Grega de modo algum tinha intenção de se retirar ou até de diminuir os laços que a prendem ao Conselho Ecuménico das Igrejas, estranhando também a excessiva importância dada pela imprensa e pela Rádio Vaticano às conversações havidas entre representantes de Roma e de Constantinopla, e frizando que não houve, nem estão em perspectiva, contactos *oficiais* com a Igreja Católica.

Apesar de tudo parece estar definitivamente acente a reunião em 1960, de dez teólogos católicos com dez teólogos ortodoxos. Estes últimos teriam até sido já nomeados superiormente. Mas acrescente-se que nada disto tem carácter oficial.

Peçamos a Deus que os malentendidos atrás referidos, aliás de pouca importância em si, mas às vezes de ressonâncias insuspeitadas, não venham entravar este movimento de todos os Cristãos em prol da UNIDADE, de que graças a Deus, se vão já sentindo os frutos.

UMA NOVIDADE:

Dez modelos de estampas algumas particularmente próprias para a época do Natal!

Faça quanto antes os seus pedidos.
Alguns modelos estão quase esgotados.
Dirija-se à Administração de **Novellæ Olivarum**,

Seminário dos Olivais — Lisboa 6

Um cento — 12$50
Quantidades iguais ou superiores a mil — **10$50** o cento

TRIBUNA DOS LEIGOS

Nem sequer nos conhecíamos. Foi através de um amigo comum, pelo telefone. Pedimos-lhe para escrever, em forma de testemunho, o que lhe agradasse dizer a seminaristas. Acrescentámos: que se não preocupasse com fazer um artigo de doutrinação, pois não era isso o que pretendíamos; o que pensasse e sentisse, isso sim.

Chama-se Manuel Valério da Costa Belchior, é Engenheiro Agrónomo e trabalha no Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Gulbenkian. Autêntico católico, verdadeiro militante, (foi Presidente da Direcção Geral da J. E. C.), tem estado inteiramente ao serviço de Cristo e da sua Igreja.

Daí, o interesse do seu relato: não usará a linguagem técnica dos teólogos nem o seu rigor de expressão, mas há nele uma sinceridade profunda que nos toca, uma visão sobrenatural das coisas que é já fruto de uma vida cristãmente vivida.

Fizemos-lhe um pedido: compreendeu e aceitou. Aqui lhe fica o nosso reconhecido Deus lhe pague.

★

Compreende-se por testemunho o relato de uma experiência vivida. Neste aspecto, ao menos, foi acertado o convite que me dirigiram: para vós, futuros Sacerdotes de Cristo, que posso eu dar mais, a não ser a minha própria experiência?

Com ela vai muito do que vivi com outros, sobretudo com não católicos, mas pessoas, seres que se tentam equacionar, esperam, e sofrem.

Queria com isto ter dito duas coisas: pedir desculpa de vos tentar dar algo com verdade, quando a minha posição deve ser de receber; que, ao dizer a minha experiência, significo também as experiências daqueles com quem tenho convivido e conseguido assumir em Jesus Cristo.

A Humanidade não é má. Em cada homem existe sempre um sinal de pessoa, uma vocação de Filho de Deus. Aconteceu-me com frequência na Faculdade e mesmo já no Liceu, ser o meu acanhamento em me acercar de certos grupos mais dissolutos, ou politicamente esquerdistas, ou simplesmente ateus — o que me levava a um afastamento também das pessoas — notado como superioridade, falta de camaradagem, e, até, afastamento consciente de problemas individuais... Conheci mesmo um rapaz convertido e autêntico apóstolo a quem um outro amigo, no fim do Curso, depois de ter continuado, como os dois tinham começado, numa vida descuidada e irregular, responsabilizava por aquilo que agora era: «A tua amizade por mim foi

tanta, que te converteste, começaste uma vida que julgas ser a única com sentido, e nada me disseste!»

Penso que há o perigo real, e já por mim observado, de um vosso acanhamento perante pessoas e grupos não católicos ou católicos de uma forma muito especial, bastante comum na nossa terra: católicos mas anti-clericais. Tenho notado, quanto a estes nossos irmãos, ser o seu anti-clericalismo mais um postulado geral, referido aos padres, ou a determinado padre que não conhecem pessoalmente, sem aplicação porém para um padre X, que, por ser conhecido, não pertence à regra... Assim todos sejam conhecidos de todos.

— «Isso é difícil por faltar o tempo!» — dizem-me.

Sobre isto, e para continuar a ser verdadeiro, embora sem querer magoar ninguém, antes pretendendo dar uma contribuição, possìvelmente errada, conto um facto que me faz pensar no assunto e simboliza para mim muita coisa:

— Eu ia para as aulas de manhã, os autocarros e os eléctricos a transbordarem com gente que se apressava por sua vez para outras aulas e outros empregos. Comigo viajava um rapaz que ia para a mesma aula. Lembro-me que ele ainda vinha a comer o pão do pequeno almoço — andávamos em exames, estudava-se até tarde, e a tendência era para levantar também o mais tarde que pudesse ser —. Falávamos. O transporte público em que íamos passou junto a uma Igreja. Desta vimos sair uma fila longa de senhoras duma certa idade, atrás de um sacerdote e de um estandarte, (é o que me recordo) e que deu uma pequena volta para logo tornar a entrar na Igreja. O meu colega riu-se — «É nisto e com estas senhoras, que os vossos padres gastam o tempo?»

Eu não posso querer mal a ninguém, nem a essas senhoras. Possuem alma para salvar e são imagens de Cristo. Mas não farão já muitas delas parte dos justos e não veio Cristo para os pecadores? os que têm fome e sede de justiça?

Depois disto comecei a reparar melhor: com tanta profusão de rendas e de flores e de santinhos, com a dificuldade de Sacramentos e Missa — hoje em várias freguesias bastante menor — para pessoas que têm um horário de trabalho, com o predomínio de reuniões e obras das senhoras ou para senhoras em diversos sítios; não se estaria a abandonar um pouco o apostolado junto dos homens?

Verifiquei já também, e penso que este próprio convite o confirma, a grande necessidade existente, e por muitos sentida, de os Sacerdotes conviverem mais com homens diversos. Parece que o seu coração se abre mais, a sua Caridade ganha novas perspectivas de compreensão e eficácia.

Claro que os problemas dos homens leigos são difíceis, como os vossos, mas diferentes. O homem leigo tem a sua vida concreta e os problemas dessa vida — falará deles, quererá resolução para eles, ou até simplesmente quem o oiça ou o ajude a transcender, respondendo-lhe portanto noutro plano. Ainda aqui, quando um companheiro vinha pôr-me problemas de estudo, de questões sociais, de seriedade profissional, o Senhor não se recusava, quando eu tinha coragem ou estava suficientemente desperto para «insistir a tempo e fora de tempo». E quantas vezes nos procuram pelas coisas mais longínquas (e há de facto alguma coisa humana que lhe seja longínqua?) e no fim só querem a nossa amizade, procurando nela para além de nós próprios uma outra Amizade?

Estarmos sempre disponíveis. Sermos tudo com todos — porque o que no fim interessa é que Cristo esteja por meio de nós com eles.

Este diverso contacto com muitos e diversos homens julgo que daria, e dá a muitos, maior plenitude ao Sacerdócio — mais coisas, coisas mais reais, concretas, doloridas a oferecer ao Pai!

O mundo precisa de vós! Não de vós pessoas, mas de vós pessoas de Cristo, presenças vivas e actuantes e sacerdotais de Cristo.

Precisamos de Verdade. Cada vez mais aumenta a lucidez do mundo; por vezes diabólica. Cada vez mais a mentira parece assumir a verdade e a lógica, aumentar em consciência. Mas o homem, a pessoa humana, *individualmente*, procura, espera, ou sente por forma indefinida mas por vezes dolorosa e muito diversa, a sede de Verdade. Uma verdade sem defesa, pobre, directa, total. O mundo da velocidade, da força nuclear, das grandes potências, da ameaça atómica, não entende a linguagem metafórica, gongórica, cautelosa. Não entende nem tem paciência.

Precisamos de pobreza. O mundo descobre cada vez mais o valor do pobre — o mundo onde superabundam os homens-dinheiro; um mundo que nasce dos homens-dinheiro, não só dos muito ricos, mas dos remediados e até dos que não têm nada, dos que medem tudo, toda a vida, todos os valores (e serão mais alguma vez valores?) pelo dinheiro. O económico não é pobre — S. Francisco de Assis economizaria tempo se andasse de diligência, e ainda mais se possuisse uma boa diligência e uma série de bons cavalos; ele pouparia dinheiro, seria económico, se se vestisse de boas fazendas que lhe durariam mais.

O mundo pede-vos que sejais pobres, embora se saiba que existem vocações diversas. Sobretudo que sejais desprendidos. O Senhor notava ao escriba que não tinha uma pedra onde descansar a cabeça, quando ele lhe pediu para o seguir.

Pobreza que não é só de valores materiais. Que vos deixeis esbofetear. Aqui reside a vossa força. «Não resistir ao mal». Alguns acusam os sacerdotes de terem um sentido de dignidade sacerdotal muito vivo e superficial, por isto mesmo excessivamente visível.

Hoje precisamos de padres que sejam mais pais do que chefes; pais de sentido muito íntimo e elaborado com Cristo. Dele emana suavemente, mas com exigência, a autoridade, a paternidade, o Amor. Mas são coisas que se processam em regiões muito fundas e interiores, por tal forma que, à primeira vista de todos, o Sacerdote aparece como o servo.

O mundo precisa de esperança, de muita esperança. O materialismo mata a esperança; por isso os homens precisam tanto de esperança. Vós sereis os Sacerdotes de Cristo, os mensageiros da Esperança. Precisais Vós também de Esperança. Esperança de onde nasce a alegria, a juventude que não morre.

Vai ser difícil para muitos. O mundo é mau, sereis atacados, criticados, incompreendidos pelos inimigos e pelos amigos. Vivereis sòzinhos, quase abandonados de todos ou disso convencidos, vereis dilatar-se em redor o reino da mentira. E tudo se vos pede. Esperança contra tudo e todos, esperança contra vós mesmos. Esperança para os outros, até ou sobretudo para os que não querem.

Os «outros» esperam que tenhais sede das almas deles. A sede que nasce do Amor. Amor que é loucura «e isso basta». Por isso podeis ser tudo, podeis ter estudado muito, podeis falar muito bem, podeis ser muito modernos, podeis estar cheios

de ideias novas, se não tiverdes *incarnado* em vós aquela loucura, sereis o sino que toca e não soa.

Deste Amor decorrem todas as coisas. Queria referir duas:

A vossa unidade. Cristo deu como condição de sermos conhecidos Seus discípulos a unidade. Mas existe a tentação de a desunião se manifestar entre os próprios sacerdotes. Conheço rapazes e raparigas que foram muito prejudicados por isto. É necessário um Amor para além de tudo, para além de padres de província e de padres da cidade, para além de superiores e de inferiores, para além de religiosos e seculares. Sermos não só na teoria, mas na prática, na realidade do dia a dia, «um em Cristo», substancialmente em Cristo.

A nossa unidade. Quero agora dizer um «nossa» mais nossa ainda, isto é, entre vós, sacerdotes, e nós, leigos. Vós sois uns do meio de nós a quem o Senhor chamou para nos representardes melhor junto d'Ele, mas só nos podeis representar por forma mais completa na medida em que estiverdes connosco. «Não vos peço que os tireis do mundo».

Claro que o estar connosco não implica forçosamente noções de espaço ou tempo; no entanto, quando inseridos, por exemplo, numa comunidade paroquial, isso quer dizer precisamente que formeis essa comunidade se não existe e a vivifiqueis em qualquer caso.

Vós sereis Sacerdotes de Cristo. O Sacerdote é o que ora. Mesmo no Amor precisais de ter Cristo no centro, para isto deveis rezar muito. Tenho verificado que o padre é tanto melhor, mesmo mais eficaz, quanto maior a sua oração.

Podeis ver: é tanto o que se pede de Vós, tanto e tão fora dos costumes do mundo, que se não for Cristo a viver sòlidamente em cada um, a vossa missão será impossível.

E nós precisamos muito da vossa oração.

Nós a temos, a Oração de todos os nossos Sacerdotes, exército de paz, pequeno para tantos. Venerando exército pelo qual nos chega o reino de Deus. Pelas suas mãos sagradas, pelas suas pessoas sagradas.

Mas há muitas bocas que não comem o Pão. Por estas e por todas são necessárias mais mãos que consagrem e sacrifiquem, mais pessoas que santifiquem. Neste alvorecer dum novo mundo, a vossa Missão é mais manifestamente sublime e grandiosa.

Cheguei ao fim do que fiz por ser a síntese da minha experiência. Vejo que não disse tudo, nem tudo terá sido bem dito. Peço que não vejam no que ficou escrito qualquer incidência menos caridosa para alguém. Pela vossa situação possuís maiores possibilidades do que eu de me lerdes no mesmo estado de espírito do qual me procurei possuir ao dar-vos este testemunho: simplicidade e recta intenção.

M. V. B.

UMA EXPERIÊNCIA DE 112 ANOS PÕE AO SEU ALCANCE A ALTA QUALIDADE DOS HARMONIUNS

PETROF

PETROF

É A MARCA QUE FAZ ESGOTAR RÀPIDAMENTE TODAS AS REMESSAS DE HARMONIUNS QUE TÊM CHEGADO À

CASA SASSETTI

(Editora de música desde 1848)

R. Carmo, 56 — LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

SAMPEDRO

M. D'OLIVEIRA & MARQUES, L.DA

P. dos Restauradores, 65, 1.º
TELEF. 3 08 76 — L I S B O A

Secção dos Tecidos Pretos R. M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

✻

Elasticotines — Sarjas — Tropicais
Casemiras — Merinos — Sobretudos

✻

Alfaiataria — Capas — Gabardines

✻

Condições especiais para Finalistas

Secção de Livraria

Livros estrangeiros — Edições próprias

✻

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae — Foyer Notre Dame — Famille et College — Ecclesia — Panorama Chrétien, etc.

✻

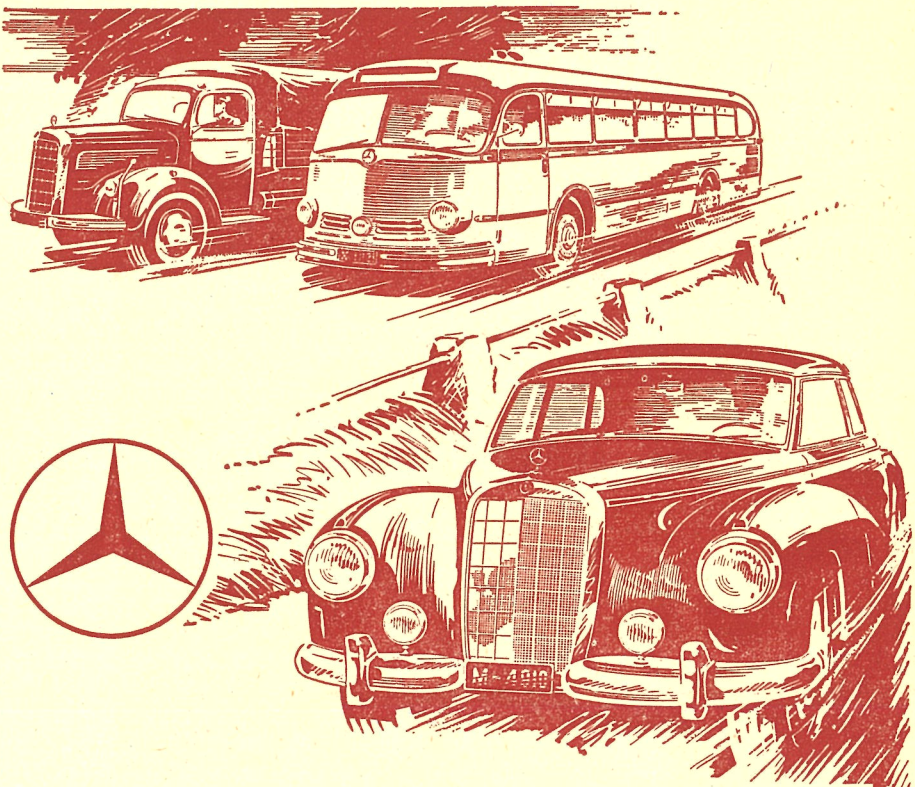
Filmes fixos e de movimento: (Catequese — ensino — divertimento)

✻

Máquina de escrever «Antares Micron»

✻

Máquinas de Projecção



MERCEDES-BENZ

UMA CONSAGRADA MARCA ALEMÃ QUE CONSTITUI UMA GARANTIA DA MAIS ELEVADA QUALIDADE E SUPERIOR EFICIÊNCIA EM TODOS OS GÉNEROS DE TRANSPORTE

AUTOMÓVEIS A GASOLINA E DIESEL
VIATURAS LIGEIRAS COMERCIAIS
CAMIÕES E AUTOCARROS DIESEL

REPRESENTANTE

C. SANTOS L.DA

LISBOA ★ PORTO ★ COIMBRA ★ BRAGA ★ OLHÃO

SOCIDEL

SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA.

RUA NOVA DO ALMADA, 51 LISBOA

TUDO PARA DESPORTO



QUALIDADE POR QUALIDADE

OS MELHORES PREÇOS